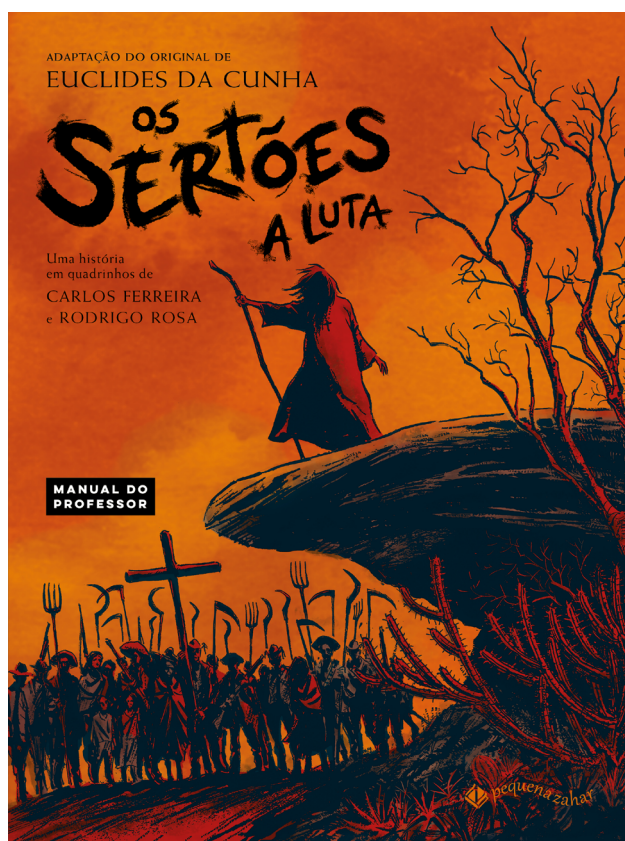


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA EDUARDO DIAS FONSECA GUIMARÃES,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO MARIA FATIMA DA FONSECA,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA EDUARDO DIAS FONSECA GUIMARÃES,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO MARIA FATIMA DA FONSECA,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO

**OS SERTÕES: A LUTA
ADAPTAÇÃO DO ORIGINAL
DE EUCLIDES DA CUNHA**

AUTORES

CARLOS FERREIRA E RODRIGO ROSA

TEMAS

**CIDADANIA;
BULLYING E RESPEITO À DIFERENÇA;
DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA E
COM A ANTROPOLOGIA**

GÊNERO LITERÁRIO

**HISTÓRIA EM QUADRINHO,
ROMANCE GRÁFICO E LIVRO
DE IMAGENS**

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luiza Couto
Maitê Acunzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Guimarães, Eduardo Dias Fonseca

Material digital do professor — Os sertões : a luta -
Adaptação do original de Euclides da Cunha / Eduardo Dias
Fonseca Guimarães ; coordenação de Maria Fatima da
Fonseca ; CEDAC. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Pequena
Zahar, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-88899-07-6

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Cunha,
Euclides da. Os sertões. III. Fonseca, Maria Fatima da. IV.
CEDAC

21-0702

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PEQUENA ZAHAR LTDA.

Praça Floriano, 19, sala 3001, parte C — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 7

Euclides da Cunha e o contexto de Os sertões, 7

Os autores da HQ, 8

A Guerra de Canudos e Os sertões de Euclides da Cunha, 8

A atualidade do livro, 9

Razões para ler Os sertões: a luta, 10

As influências nos dois Sertões, 11

Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **13**

A leitura de livros de história em quadrinhos, 14

HQ como leitura de várias linguagens, 14

A HQ como hipergênero, 16

A leitura da HQ Os sertões: a luta, 16

Pré-leitura, 17

Leitura, 20

Pós-leitura, 24

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **26**

Linguagens e suas Tecnologias: Arte, 26

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: História e Geografia, 31

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **37**

Qualidades da HQ, 37

O ritmo da narrativa na HQ, 37

Discutindo autoria, 40

O gênero HQ, 41

Sugestões de referências complementares, **42**

Bibliografia comentada, **43**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Os sertões: a luta*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e os dados biográficos dos autores, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de língua portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo

com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

Uma das obras mais importantes da literatura brasileira, *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909), é um livro de não ficção que trata de questões que envolvem a construção da identidade nacional, apresentando ao leitor uma faceta violenta, autoritária e desigual da sociedade brasileira. Trata-se de uma obra que continua atual, que continua gerando reflexões e leituras sobre a sociedade que nos tornamos e, principalmente, sobre a que desejamos nos tornar.

Além disso, se o formato da obra *Os sertões* foi inovador para sua época, por mesclar gêneros textuais como o jornalístico e o relato, é possível também dizer que consiste em um texto clássico: conseguiu ultrapassar o período em que foi escrito e continua reverberando até hoje, promovendo a abertura de diálogos e releituras ao longo do tempo.

Um desses diálogos é justamente o livro *Os sertões: a luta*, que está em suas mãos. Aqui, como você deve ter visto, estamos diante de uma releitura, em quadrinhos, do clássico de Euclides da Cunha. O roteiro é de Carlos Ferreira e as ilustrações de Rodrigo Rosa, que inovaram ao propor um novo gênero (história em quadrinhos) para recontar a obra original, de 1902, que é uma narrativa em prosa.

EUCLIDES DA CUNHA E O CONTEXTO DE OS SERTÕES

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em Cantagalo (RJ), em 1866, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1909. Foi escritor, engenheiro militar, jornalista, ensaísta e historiador, e sua trajetória profissional teve íntima relação com a escrita de *Os sertões*. Isso aconteceu uma vez que, justamente por atuar como jornalista, Euclides da Cunha foi enviado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1897, para Canudos, no interior da Bahia, como correspondente de guerra, circunstância em que pôde travar contato com a situação do local e com o violento massacre que viria a ser conhecido, na história do Brasil, como Guerra de Canudos (1896-97).

Partindo dessa experiência, Euclides da Cunha escreve e publica, em 1902, *Os sertões*, obra que, pouco depois de seu lançamento, alcançou sucesso e repercussão nacional. No ano seguinte, o autor é eleito para a Academia Brasileira de Letras

(ABL), e em 1907 publica o livro *Peru versus Bolívia*. O escritor morre pouco depois, em 1907, de modo trágico e violento: tenta matar a própria esposa, Ana Ribeiro (1872-1951), e o amante dela, Dilermando de Assis (1888-1951), mas acaba sendo morto por Assis.

Em *Os sertões: a luta*, como já foi dito, estamos diante de uma releitura, feita em quadrinhos, da obra de Euclides da Cunha. Nela, os autores Carlos Ferreira e Rodrigo Rosa fazem uma adaptação livre do texto de Cunha, na qual mostram o surgimento da figura de Antônio Conselheiro, bem como os horrores ocorridos na Guerra de Canudos.

OS AUTORES DA HQ

Carlos Ferreira, o artista gráfico, diretor e roteirista que criou o roteiro da HQ *Os sertões: a luta*, nasceu em Porto Alegre, em 1970. Elaborou o roteiro da HQ *Kardec* (2011), sobre Allan Kardec (1804-1869), figura central do espiritismo, e trabalha na HQ *Exu Dumas*. Como artista negro, aborda em seus trabalhos questões como racismo estrutural, visibilidade e a África como matriz identitária.

Também gaúcho, **Rodrigo Rosa** nasceu em Porto Alegre, em 1972. É cartunista, editor e ilustrador e fez as ilustrações da HQ *Os sertões: a luta*. Além disso, ilustrou livros infantis, como *Um passeio pela África* (2006), de Alberto da Costa e Silva, e diversos quadrinhos, como *Kardec* (2011), *Grande sertão: veredas* (2016) e *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (2019), entre outros que podemos conhecer no site do artista: www.rodrigorosa.com (acesso em: 20 out. 2020). Em parceria com Carlos Ferreira, venceu o Troféu HQMix de 2011 na categoria melhor adaptação para quadrinhos, pelo trabalho em *Os sertões: a luta*.

A GUERRA DE CANUDOS E OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA

A Guerra de Canudos é um acontecimento marcante na história da sociedade brasileira. Um dos motivos, além dos fatos em si, foi sua ampla divulgação, na época, nos principais jornais de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Tais reportagens, no entanto, costumavam ser parciais: a maioria dos repórteres era militar e se posicionava contra os moradores de Canudos, que não tinham voz na

cobertura da imprensa. Euclides da Cunha foi enviado para a região como repórter correspondente, e não era militar. Pôde assim testemunhar a situação do lugar e o desfecho do conflito, que terminou com o massacre da população local pelas Forças Armadas brasileiras: estima-se que mais de 20 mil pessoas foram mortas em Canudos.

Assim, *Os sertões*, publicado em 1902, ao retratar os horrores ocorridos na Guerra de Canudos, consistiu em uma obra de denúncia social e apresentou um pouco da perspectiva dos habitantes do sertão. A obra é dividida em três partes:

A terra, na qual o autor traça um panorama da geografia de Canudos, escrevendo sobre aspectos como paisagem, vegetação e clima.

O homem, na qual busca traçar o perfil etnológico do sertanejo e das pessoas que lá se encontravam. Trata-se de uma parte controversa do livro, na qual o autor faz considerações que podem ser lidas hoje como racistas, como a afirmação de que a mistura de raças é prejudicial.

A luta, última parte do livro, na qual ganham destaque o embate e o massacre sofridos pela população de Canudos.

A ATUALIDADE DO LIVRO

Desse modo, ganham relevo temas importantes para os estudantes do Novo Ensino Médio, como o **respeito à diferença, cidadania e diálogos com a sociologia e com a antropologia**. Isso acontece porque na HQ *Os sertões: a luta* estamos diante de pessoas desprovidas de recursos, que estão buscando sobreviver e ocupar um lugar inóspito, que é o sertão baiano, e que se organizaram socialmente e de modo autônomo para isso. O Estado, no entanto, além de não amparar essas pessoas, ainda empreende o extermínio delas, desrespeitando seus direitos, não aceitando suas diferenças e ainda gerando danos que ganham proporções sociológicas e antropológicas. É importante ressaltar que, de modo distinto do livro escrito por Euclides da Cunha, na obra que vamos trabalhar, a HQ *Os sertões: a luta*, não há uma divisão em partes. No entanto, os temas mencionados continuam presentes e têm muito a acrescentar aos jovens estudantes, que estão em formação e se tornando cidadãos conscientes, capazes de dialogar e atuar no mundo que os cerca.

As questões abordadas pelo livro *Os sertões*, em 1902, não ficaram restritas a seu tempo. Continuamos enfrentando problemas relacionados à exclusão social e à

violência estatal. Povos tradicionais do Brasil, como os indígenas, continuam tendo a existência ameaçada por questões como garimpo, poluição, invasão de terras, contaminações, queimadas e falta de demarcação — mesmo quando estão isolados em regiões de floresta. Assim, a atualização da obra *Os sertões*, por meio de releituras como essa, em formato HQ (história em quadrinhos), continua importante e pertinente, em especial se entendermos atualizações e releituras como novas formas de pensar velhos problemas, em amplo **diálogo com a sociologia e com a antropologia**.

Outro aspecto a ser considerado é que história em quadrinhos é um gênero híbrido, que utiliza características de outro gênero literário, como o dramático (em seus diálogos em discurso direto). As HQs também adotam diferentes linguagens artísticas, como a visual, típica da fotografia e do cinema. Desse modo, trata-se de um gênero que permite experimentações, ampliação do repertório dos estudantes e que, ao mesmo tempo, tem afinidade com a obra de Euclides da Cunha, na medida em que ela também é híbrida, com o autor explorando textos que ora parecem relatos, ora lembram estudos antropológicos ou geográficos.

RAZÕES PARA LER OS SERTÕES: A LUTA

São muitos os elementos motivadores da leitura: a linguagem acessível, as ilustrações instigantes, a presença de discursos políticos, o retrato da forma como o Estado lidou com a situação dos excluídos que procuravam sobreviver em Canudos, a figura de Antônio Conselheiro, a fé, a resistência do povo e sua ligação com o espaço que habitavam. Isso porque esses elementos dialogam com a sensibilidade dos leitores, tanto em relação a suas vidas privadas, como também quanto **à existência deles como seres sociais**. Além disso, pelos temas que aborda, é natural associar *Os sertões: a luta* à realidade brasileira, fato que instiga o leitor a refletir sobre a HQ e, também, sobre o meio em que vive, **a cidadania, o respeito às diferenças**.

A obra de Euclides da Cunha foi publicada no início do século xx. Alguns estudiosos, como Alceu Amoroso Lima (1893-1983), convencionaram chamar esse período de pré-modernismo, já que ele antecede a Semana de Arte Moderna, ou Semana de 22, considerada um marco do modernismo no Brasil. O livro de Euclides da Cunha, todavia, traz uma série de especificidades, como o fato de ser não ficcional e, ao mesmo tempo, oscilar entre gêneros que ora lembram uma espécie de

texto épico, ora se parecem com um **estudo sociológico ou antropológico**. Desse modo, essa obra de Euclides da Cunha escapa de definições ou delimitações rígidas, ocupando assim um lugar relevante e ao mesmo tempo peculiar na literatura brasileira.

Acerca de *Os sertões*, Antonio Candido afirmou que:

Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, *Os sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior) [...] O poderoso ímã da literatura interferia com a tendência sociológica, dando origem àquele gênero misto de ensaio, construído na confluência da história com a economia, a filosofia ou a arte, que é uma forma bem brasileira de investigação e descoberta do Brasil [...] Não será exagerado afirmar que esta linha de ensaio — em que se combinam com felicidade maior ou menor a imaginação e a observação, a ciência e a arte — constitui o traço mais característico e original do nosso pensamento. Notemos que, esboçada no século XIX, ela se desenvolve principalmente no atual, onde funciona como elemento de ligação entre a pesquisa puramente científica e a criação literária, dando, graças ao seu caráter sincrético, uma certa unidade ao panorama da nossa cultura. (CANDIDO, 1973, p. 130)

AS INFLUÊNCIAS NOS DOIS SERTÕES

A HQ de Carlos Ferreira e Rodrigo Rosa é parte de um movimento crescente no Brasil: releituras e adaptações de textos literários para quadrinhos. Há diversos exemplos de tais produções, como a HQ *O alienista* (2007), adaptação feita por Gabriel Bá e Fábio Moon para o conto clássico de Machado de Assis. E o próprio Rodrigo Rosa também ilustrou outros clássicos em quadrinhos.

Essas releituras ou adaptações diferem muito umas das outras, inclusive no grau em que buscam ou não serem fiéis ao texto original em que se baseiam. No caso de *Os sertões: a luta* houve liberdade na adaptação do roteirista e do ilustrador, que não ficaram restritos a tentar reproduzir o texto do livro de Euclides da Cunha. Em vez disso, apresentaram um recorte da obra *Os sertões*, em um trabalho vivo e autoral.

Em *Os sertões*, talvez mais do que referências literárias, fica clara a influência de correntes filosóficas e pensamentos ocidentais e europeus do século XIX, como

o determinismo — segundo o qual o meio (sertão) e a raça (mestiço) determinam o indivíduo — e também o positivismo — crença no que é considerado científico; defesa de ideais como moral e progresso. Essas influências marcam o modo como Euclides da Cunha escreve, e também algumas das considerações que ele faz no livro, em passagens que, inclusive, podem ser lidas como racistas. É o que acontece em: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”.

Na HQ *Os sertões: a luta*, tais referências e correntes de pensamentos são diluídas e atualizadas: a HQ foca mais na ação das expedições militares contra Canudos, e não em aspectos como tentar descrever o sertanejo como raça.

Em relação a seus efeitos, a obra *Os sertões* segue relevante, e influenciou escritores como o brasileiro João Guimarães Rosa (1908-67), em *Grande sertão: veredas*; o peruano Mario Vargas Llosa (1936), com *A guerra do fim do mundo* (1981); e o húngaro Sandor Marai (1900-89), autor de *Verdicto em Canudos* (1970).

Em 2019, Euclides da Cunha foi o autor homenageado pela Festa Literária de Paraty (Flip), fato que realça sua importância e, ao mesmo tempo, amplia a discussão, reflexão e atualização de sua obra.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADES

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG203) Analisar os diálogos e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e em suas produções (artísticas, corporais e verbais).

(EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADES

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual,

dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

A LEITURA DE LIVROS DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS

A HQ *Os sertões: a luta* é leitura fundamental no Novo Ensino Médio. Sobre a relevância do **gênero HQ (história em quadrinhos)**, Manuel da Costa Pinto aponta que:

[...] a *graphic novel* é a contrapartida visual do romance e pertence a uma linguagem mais geral — os quadrinhos — que surge na esteira de um período no qual as vanguardas [de Apollinaire aos concretos] exploraram a visualidade da palavra, no qual surgiram sucessivamente o cinema, a televisão e a internet. (2017, s. p.)

Nesse sentido, é importante considerar que, além da originalidade nos procedimentos estéticos, o livro *Os sertões: a luta*, por ser uma história em quadrinhos, explora a combinação entre imagem e texto. Essa combinação costuma ser presente na vida dos jovens e aparece de modos que muitas vezes não são notados, por fazerem parte do cotidiano, como em anúncios publicitários, noticiários e redes sociais. Por isso é importante que eles sejam capazes de se sensibilizar a tais mensagens e fazer leituras mais aprofundadas de textos verbo-visuais.

Histórias em quadrinhos, por serem narrativas visuais, naturalmente estimulam essa percepção e sensibilidade nos estudantes. E esse processo se aprofunda com a mediação cuidadosa do professor, que pode apontar nuances e fomentar diálogos, tendo em mente que, para firmar-se como um leitor crítico e consciente, o jovem precisa conhecer linguagens distintas, compreender os modos como os textos são construídos e a quais intenções estão servindo. Para tanto, é fundamental que possam contar com o apoio do professor.

HQ COMO LEITURA DE VÁRIAS LINGUAGENS

Feitas essas considerações, podemos afirmar que *Os sertões: a luta* é um livro que contribui para a fruição e a formação leitora tanto de jovens como de adultos,

porque, além de usar a linguagem verbal associada à imagem (quadrinhos), mistura características de diferentes gêneros literários (como romance e texto dramático) e traz elementos de diferentes linguagens artísticas, como a fotografia, criando, assim, uma experiência estética rica e múltipla. E isso é fundamental para que os estudantes percebam que são muitas as formas possíveis de criar e se expressar.

Além disso, é importante lembrar que:

O diálogo entre as formas de expressão artística tem sido uma das mais importantes modalidades de comunicação inventadas pelos homens para elaborar as mais variadas narrativas, produzindo abstrações e sentidos dos mais diversos, demonstrando que, ao longo dos tempos, as obras não só estão em constante interação entre si, mas também com o mundo que as cerca, trazendo à tona influências intra e extratextuais. (OLIVEIRA, 2008, p. 9)

Assim, trazer esta HQ aos jovens do Novo Ensino Médio é estar em consonância com os processos culturais, bem como com as diretrizes nacionais em educação, que apostam no estímulo da capacidade dos estudantes em relacionar diferentes linguagens, demonstrando entendimento de linguagens verbais e não verbais.

Leituras como a de *Os sertões: a luta*, que se efetivam no cruzamento de linguagens, demandam e encorajam, nas palavras de Lúcia Santaella e Winfrid Nöth, uma “visão semiótica” que captura as ligações entre diversos tipos de linguagens, já que “o código hegemônico deste século não está nem na imagem, nem na palavra oral ou escrita, mas nas suas interfaces, sobreposições e intercursos, ou seja, naquilo que sempre foi do domínio da poesia” (1998, p. 69).

Tais considerações reforçam a importância de trabalhar o gênero história em quadrinhos nas escolas, estimulando os jovens leitores a se movimentarem com uma narrativa não só textual, mas especialmente visual, baseada em sequencialidades, isto é, no quadro seguido por outro, e mais outro quadro, compondo uma história. Com isso, estamos diante de uma experiência estética que estimula diferentes habilidades leitoras, propiciando uma complexa e, ao mesmo tempo, convidativa formação de leitores.

Para que duas imagens possam se unir, é necessário que tenham algo em comum. É a identidade. Para que sejam distinguidas, é necessário que sejam diferentes. É a não identidade [...] A identidade entre as imagens ou figuras que compõem os quadrinhos é uma espécie de fio condutor da narrativa [...] A articulação

entre duas ou mais unidades-quadrinhos tira a imagem do seu estatuto analógico da representação pura e simples do objeto e a transforma num elemento do discurso. [...] Há uma simbiose entre o espaço e tempo de leitura e, por fim, o tempo da leitura passa a se associar ao tempo da narração. A íntima relação entre temporalidade e causalidade induz a outra transformação do tempo em causa e efeito. Os dois processos, comparação em sucessão temporal espacial, produzem a significação, subordinam os elementos significantes num sintagma e produzem a ação. (CAGNIN, 1975, p. 157-60)

A HQ COMO HIPERGÊNERO

Por serem muitas as formas nas quais as histórias em quadrinhos podem se apresentar, como as tiras ou as chamadas *graphic novels* (romance gráfico), há estudiosos como Paulo Ramos (RAMOS, 2009) que chamam as HQs de *hipergênero*, por abarcar essas manifestações distintas e autônomas dos quadrinhos.

Essa reflexão é importante por ajudar a dimensionar a complexidade e a abrangência do gênero HQ, e também por ser um ponto de partida para dialogar com os estudantes sobre algumas de suas variações, como o romance gráfico, que são narrativas mais longas e complexas, publicadas geralmente em formato de livro, como acontece com *Os sertões: a luta*. Ou ainda as tiras, tipo de HQ que muitas vezes explora o humor e costuma ser curto (muitas têm até três quadros). É comum que as tiras sejam publicadas em veículos como revistas, jornais e na internet. Assim, para estimular os estudantes a saber mais sobre HQs, é interessante encorajá-los a conhecer essas diferentes expressões.

A LEITURA DA HQ OS SERTÕES: A LUTA

A HQ *Os sertões: a luta* traz elementos que apostam na inteligência e sensibilidade dos leitores. Primeiro, em relação ao enredo, é importante não perder de vista que estamos diante de uma narrativa baseada em episódios reais e, mais do que isso, que se trata de um massacre empreendido e levado a cabo pelo Estado brasileiro contra uma parcela expressiva de sua população. Além disso, há todo o movimento de articulação entre uma cena (quadrinho) e outra, que vai compondo a narrativa. E são essas sensibilidades, tanto para o enredo e sua dimensão na his-

tória brasileira, como para os procedimentos estéticos e a forma como a narrativa é contada, que são convocadas na leitura de *Os sertões: a luta*.

São diversos os efeitos produzidos em quem faz uma leitura atenta de histórias em quadrinhos, e sem dúvida eles passam pela construção de sentidos e pela percepção da narrativa visual. Isso estimula um movimento imaginativo, já que a tarefa do leitor é não só compreender aquilo que vê, mas também dar sequência e sentido àquilo que é omitido entre uma cena (quadrinho) e outra. Tal processo é importante no aprimoramento da percepção e também no manejo da linguagem, uma vez que o leitor terá essas referências quando também desejar se expressar.

Além disso, a leitura de *Os sertões: a luta* pode ser pensada como um estímulo na formação de um leitor mais autônomo e atuante socialmente, já que aos aspectos estéticos da obra soma-se uma importante crítica das estruturas de poder vigentes na sociedade, as quais, com sua violência, vão gerando traumas históricos, sociais e individuais, como foi o episódio de Canudos. Tais manifestações continuam ocorrendo em situações cotidianas, sob a forma de episódios como violência policial ou abandono estatal da população excluída. E são esses diálogos, entre a obra e nossa vida coletiva, que podem estimular, nos estudantes, o desejo de inventar e construir uma sociedade melhor.

Assim, as aulas de Língua Portuguesa podem expandir o livro, trazendo reflexões sobre questões como linguagem, suportes, diferentes versões e discursos sobre um mesmo acontecimento, traumas coletivos e sociais que acontecem, por exemplo, sob a violência do Estado ao tratar a população. Portanto, o trabalho com a HQ *Os sertões: a luta* está intimamente ligado e em acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estimulando nos estudantes as competências e habilidades indicadas anteriormente (p. 13).

PRÉ-LEITURA

CONVERSA INICIAL

Nessa fase de pré-leitura, a ideia é sensibilizar os estudantes para o livro que lerão. Assim, o intuito é que as atividades, além de trazerem saberes intelectivos e sensíveis aos estudantes, despertem o interesse pela obra.

No caso da HQ *Os sertões: a luta*, estamos diante de uma narrativa que mescla texto e imagem. Por isso, sugere-se que o professor inicie a aula promovendo uma

discussão sobre a capacidade de as imagens gerarem narrativas. É o que acontece, por exemplo, quando vemos uma foto. Ao mesmo tempo que ela conta uma história, nos estimula a criar ou inventar histórias. Afinal, quando vemos uma imagem instigante, é comum nos fazermos perguntas como: mas o que essa pessoa está fazendo aí? Por que será que está vestida assim? Quem é essa pessoa? Que lugar é esse?

Além disso, é importante perceber que, dependendo de elementos como ambientação, luz e figurino, as fotografias nos transportam para diferentes lugares e personagens, ativando nossa imaginação.

EXPLORANDO IMAGENS SERTANEJAS

Feita essa conversa inicial, proponha uma atividade que começará a ambientá-los com alguns habitantes do sertão nordestino, local em que se passa o livro *Os sertões: a luta*. Esta proposta também servirá para que eles experimentem de modo prático as conexões entre texto e imagem. Para tanto, exiba aos estudantes (se possível, projete) algumas fotos da artista Maureen Bisilliat, que compõem o livro *Sertões: luz e trevas*. O acervo está disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/os-sertoos-de-maureen-bisilliat> (acesso em: 15 set. 2020).

Converse com os estudantes sobre as imagens, estimulando uma leitura das fotos. Eles repararam no fundo de algumas imagens? Que sensação a cor do fundo causa? E a luz, o jogo de luz e sombra? Eles gostaram do efeito gerado pela iluminação da vela que a mulher está segurando? E o que imaginam que essa mulher está fazendo? Pergunte também onde eles imaginam que essas fotos foram tiradas e, depois de ouvi-los, explique que foram produzidas por Bisilliat entre 1967 e 1972, no Nordeste brasileiro. Algum estudante é dessa região? As fotos se parecem com o local onde vivem/viveram?

ESCREVENDO HISTÓRIAS SERTANEJAS

Para dar continuidade à atividade, peça aos estudantes que se organizem em trios. Cada trio escolherá uma das fotos, imaginará quem são as pessoas retratadas (nome, ocupação) e o que está acontecendo na cena. Em seguida, pode-se propor que criem um pequeno texto para a foto escolhida — pode ser uma fala para a pessoa retratada. Por exemplo: “Josimar, você gostou desse chapéu de couro que peguei com o Seu Zé?”. Ou pode ser um texto narrativo, que fale sobre a cena

fotografada, como: “No arraial da Dona Zefa fizeram uma fogueira e Antônio ficou ali, sentado na escadaria, segurando sua muleta. Pensava em Rosa e em tudo o que havia acontecido”.

Seria interessante estimular os estudantes a soltarem a imaginação. Assim eles experimentarão, pela criação de textos, como é promover um diálogo entre palavra e imagem, procedimento fundamental na feitura de histórias em quadri-nhos. Para finalizar a atividade, solicite que cada trio leia, para o restante da turma, o texto que escreveu para a foto escolhida. Nesse momento, é importante que o professor e os estudantes comentem os textos lidos, e se eles parecem se encaixar na cena retratada.

A prática de incentivar nos estudantes a leitura de imagens artísticas, como as fotos de Maureen Bisilliat, é importante para que eles não se acomodem na posição de receptores passivos das imagens que recebem todo o tempo, em anúncios nas ruas, na televisão, na internet, e para que se tornem mais conscientes e ativos, inclusive em relação à produção de discursos e significados.

Quanto ao leitor da imagem, seja ele professor, aluno, ou cidadão comum, é fundamental ter sempre em mente seu papel de enunciatário. Este conceito semiótico resgata o apreciador do texto estético da condição de mero espectador ou fruidor passivo, atribuindo-lhe importância idêntica à que é dada ao enunciador, quer dizer, ao produtor do texto imagético, seja ele publicitário, desenhista industrial, diretor de teatro, dramaturgo ou pintor. Na condição de enunciatário, alunos e professores passarão a ser leitores criativos, pois serão, do mesmo modo que o criador da imagem, produtores de discurso, seja traduzindo o enunciado para o verbal ou mesmo recriando-o em outro [...] [sistema] — visual, musical, audiovisual. Afinal, para a semiótica, a leitura é um ato de linguagem, um ato de produzir significados, do mesmo modo que a produção do texto o é. (OLIVEIRA, 1998, p. 218-9)

Dessa forma, a atividade e as reflexões estimuladas por você, professor, ajudarão os estudantes na apresentação do livro *Os sertões: a luta*, pois eles já terão se ambientado um pouco com os sertões, sua gente e também com o procedimento de unir texto e imagem para contar uma narrativa.

EXPLORANDO AS IMAGENS DA CAPA DO LIVRO

Se possível, antes mesmo de entregar os livros, seria interessante projetar na sala a imagem da capa e contracapa, e perguntar aos estudantes o que elas indicam.

Que sensações as imagens causam? E há alguma relação entre essas ilustrações da capa da HQ e as fotos de Maureen Bisilliat que viram na atividade de pré-leitura?

Nessa conversa, procure dar orientações para a leitura de imagens, estimulando que os jovens sejam protagonistas dessa leitura. Se avaliar que é preciso, faça com eles a leitura de algumas imagens. Eles repararam nos homens que aparecem na capa, nos chapéus parecidos com os dos homens das fotos de Bisilliat? E quanto ao homem de cajado? Estimule-os a expressar o que percebem e verifique se constatam algo de religioso nesse personagem em destaque na capa. Isso dialoga com alguma foto de Bisilliat? (Há uma na qual vemos uma mulher segurando uma vela, por exemplo, e que eles podem mencionar.) E o que eles veem na contracapa? Ajude-os a notar que parece um conflito, com várias pessoas no chão — talvez mortas.

Exponha aos estudantes que a HQ *Os sertões: a luta* é inspirada no livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e retrata a Guerra de Canudos, ocorrida em 1896-97 no sertão da Bahia. As fotos de Maureen Bisilliat também foram tiradas no sertão nordestino, e também foram inspiradas pelo livro de Euclides da Cunha. Porém, os registros fotográficos dela, como já dissemos, aconteceram entre 1967 e 1972, ou seja, cerca de setenta anos depois da tragédia ocorrida em Canudos. Seria interessante conversar com o professor de Arte devido ao diálogo que este livro proporciona com diversas linguagens artísticas, como o cinema e a fotografia (*ver, mais adiante, p. 26*).

Feitas essas considerações, é importante perguntar se os estudantes já leram a obra *Os sertões* ou se já ouviram falar dela, e se têm familiaridade com a leitura de HQs. Na sequência, proponha o início da leitura propriamente dita.

LEITURA

LER JUNTO E LER SOZINHO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

A leitura individual, silenciosa e autônoma de um livro é altamente recomendada aos estudantes do Novo Ensino Médio. Por outro lado, sua combinação com leitura acompanhada pelo professor também é fundamental na formação de leitores literários, capazes de fruir as leituras não só por seus conteúdos, mas também pela forma como as narrativas são contadas. Assim, refletir com os estudantes sobre aspectos como a elaboração estética das obras é um modo de estimulá-los

na ampliação da capacidade leitora e gosto pela leitura. Por isso, recomendamos a leitura compartilhada de ao menos parte do livro, que pode ser combinada com leituras autônomas, feitas em casa, pelos estudantes. A leitura compartilhada é uma chance para que os estudantes se envolvam e analisem aspectos que, possivelmente, seriam negligenciados na leitura individual.

A **leitura compartilhada** acontece quando uma pessoa, como o professor, faz a leitura, e os demais seguem com o livro em mãos. Assim, é uma leitura que requer atenção ao texto escrito, ao objeto livro, à vocalização das palavras, ao corpo que partilha as histórias. É muito recomendada em todas as faixas etárias, pois proporciona modelos de leitura e incentiva a sua prática.

Assim, essa leitura feita com os estudantes tem, entre os muitos objetivos, a potencialidade de estimular uma relação mais aprofundada com a literatura, haja visto a seguinte habilidade, proposta pela BNCC para o campo artístico-literário:

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

Desse modo, ler com os outros e escutá-los gera tensões e diálogos bastante profícuos, estimulando a relação com a opinião do outro. Com esse tipo de dinâmica, que inclui o debate e a defesa do próprio ponto de vista, os estudantes costumam elaborar de maneira mais complexa suas próprias opiniões, desenvolvendo e aguçando suas perspectivas.

Antes de lerem a HQ *Os sertões: a luta*, retome que estamos diante da releitura de uma obra clássica e contextualize que tal obra, como já foi dito, trata da Guerra de Canudos e faz uma profunda jornada pelo sertão da Bahia: seu relevo, vegetação, clima e sua gente, incluindo Antônio Conselheiro, que ocupava, de certo modo, uma posição de organizador e líder, inclusive espiritual, em Canudos. Além disso, explique que *Os sertões* aborda, de modo crítico, o massacre empreendido pelo Estado às pessoas que lá viviam. Sobre releituras e adaptação de obras literárias para quadrinhos, é interessante a afirmação de Lielson Zeni:

Adaptação é uma obra que pretende reapresentar de alguma forma outra obra, mesmo que essa adaptação seja em um meio diferente, com mais ou menos personagens, em outra língua, em espaço diferente, em outro tempo. [...] embora o ponto de partida seja a obra literária e a história em quadrinhos esteja próxima ao texto matriz, ela consegue ser uma obra autônoma e o resultado final é sempre uma obra nova. (2009, p. 131)

Para aprofundar essa contextualização da obra, leia com os estudantes, de modo compartilhado, o texto “Crônicas de terra e fogo”, de Maurício Hoelz, que está no início do livro (p. 7-10).

LEITURA COMPARTILHADA: OLHANDO DETALHES

Dando seguimento à aula, inicie com os estudantes a leitura do livro até a página 25. Como esse início é apenas contado por imagens, se possível projete as páginas na sala, para dar uma sensação que se aproxima da do cinema, linguagem artística que também usa imagens em movimento para narrar uma história. Passe pelas páginas dos quadrinhos sem pressa, fazendo a leitura das imagens com os estudantes. Quem é esse personagem que nos está sendo apresentado? O que está acontecendo com ele? Existe alguma relação dele com a espiritualidade? Perceberam que, na página 15, há uma bela sequência de imagens que associam os pés da imagem de Jesus Cristo aos pés do personagem?

Para uma experiência mais rica, é importante que o professor incentive os estudantes a ler os detalhes das imagens e suas combinações e sequências. Ressalte também que os quadrinhos vão contando uma história que, como acontece em livros do gênero romance, por exemplo, está se desenvolvendo ao longo do tempo. Assim, pergunte-lhes como percebem a passagem do tempo na história, se não há um texto dizendo isso. É possível que os estudantes notem, por exemplo, que o cabelo e a barba do personagem cresceram. Isso fica claro ao comparar as páginas 17, 23 e 25, por exemplo. E há outros marcadores temporais no ambiente, como na página 16. Os estudantes perceberam as passagens do ciclo da lua, até virar lua cheia?

Em relação ao cenário e à paisagem na qual a narrativa ocorre, temos marcações bem claras em páginas como 16 e 24, por exemplo, nas quais vemos cactos, vegetação característica do sertão nordestino brasileiro. Além disso, ainda que pareça haver chuva em um dos quadros da página 24, notamos que os galhos das árvores

têm pouca folhagem, o que remete à sensação de um ambiente mais seco, como o sertão. Em relação ao cenário, também, é interessante comentar com os estudantes que, na obra de Euclides da Cunha, o cerne da primeira parte do livro, chamada *A terra*, é constituído por descrições dessa natureza, que transmitem uma ideia de como é a paisagem do sertão na região de Canudos. Essa é uma grande diferença entre uma narrativa visual, como os quadrinhos, quando comparada à narrativa escrita, em prosa. Nos quadrinhos, como temos a imagem, é desnecessário haver textos descrevendo o cenário, que está diante de nós, por meio das ilustrações. Se isso de algum modo parece óbvio, é interessante notar que tal fato altera completamente o ritmo da narrativa. Para os estudantes terem uma noção mais concreta dessa ideia, leve um trecho da primeira parte de *Os sertões* e peça que algum estudante o leia em voz alta:

A DIFERENÇA DO TEMPO NO TEXTO EM PROSA E NA HQ

AS CAATINGAS

Então, a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua. Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo de um horizonte largo e a perspectiva das planuras francas.

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante...

Embora esta não tenha as espécies reduzidas dos desertos — mimosas tolhiças ou eufórbias ásperas sobre o tapete das gramíneas murchas — e se afigure farta de vegetais distintos, as suas árvores, vistas em conjunto, semelham uma só família de poucos gêneros, quase reduzida a uma espécie invariável, divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais morrendo, quase sem troncos, em esgalhos logo ao irromper do chão. É que por um efeito explicável de adaptação às condições estreitas do meio ingrato, evoluindo penosamente em círculos estreitos, aquelas mesmo que tanto se di-

versificam nas matas ali se talham por um molde único. Transmudam-se, e em lenta metamorfose vão tendendo para limitadíssimo número de tipos caracterizados pelos atributos dos que possuem maior capacidade de resistência.

Esta impõe-se, tenaz e inflexível.

A luta pela vida, que nas florestas se traduz como uma tendência irreprimível para a luz, desatando-se os arbustos em cipós, elásticos, distensos, fugindo ao afogado das sombras e alteando-se presos mais aos raios do Sol do que aos troncos seculares de ali, de todo oposta, é mais obscura, é mais original, é mais comovedora. O Sol é o inimigo que é forçoso evitar, iludir ou combater. E evitando-o presente-se de algum modo, como o indicaremos adiante, a inumação da flora moribunda, enterrando-se os caules pelo solo. Mas como este, por seu turno, é áspero e duro, exsicado pelas drenagens dos pendores ou esterilizado pela sucção dos estratos completando as insolações, entre dois meios desfavoráveis — espaços candentes e terrenos agros — as plantas mais robustas trazem no aspecto anormalíssimo, impressos, todos os estigmas desta batalha surda. [...]

[Euclides da Cunha, *Os sertões: Campanha de Canudos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019, p. 79-80.]

Essa leitura do excerto de Euclides da Cunha é interessante para que os estudantes percebam quão radical é a releitura empreendida por Carlos Ferreira e Rodrigo Rosa na HQ *Os sertões: a luta*, que envolve a transposição de um texto em prosa para uma narrativa visual.

Quanto ao restante da HQ, sugere-se que o professor mescle propostas de leituras compartilhadas, feitas em sala de aula com os estudantes e com leituras a serem feitas em casa, de forma autônoma. É importante continuar incentivando a leitura da HQ na sua característica fundamental, que é a relação entre texto e imagem, com atenção a nuances e detalhes.

PÓS-LEITURA

UMA PROPOSTA DE PRODUÇÃO ESCRITA

Como sugestão para este momento, agora que já foi discutida a obra em sua temática e estrutura, indica-se a retomada da atividade realizada na pré-leitura, quando os estudantes elaboraram textos para as fotos de Maureen Bisilliat. Nesse momento, porém, a proposta é usar a própria HQ para essa produção. Para isso, peça que a turma se organize em trios ou grupos de até quatro pessoas. Cada grupo

escolherá uma página da HQ que não contenha ou que traga pouco texto, como a sequência entre as páginas 72 e 76, que apresenta visões perturbadoras de Euclides da Cunha envolvendo Antônio Conselheiro. Ou ainda alguma das páginas 82 a 85, que trazem o ápice da destruição do arraial de Canudos. Aliás, nessa sequência é interessante que as cores começam a ser utilizadas, enfatizando não algo como a alegria e a vida, mas, pelo contrário, a morte e a destruição causadas pelo fogo.

Assim, depois de escolher uma página para trabalhar, oriente os grupos a criarem textos para ela — pode ser a fala de algum personagem ou a de um narrador —, textos que se liguem à narrativa visual. Lembre aos estudantes que eles podem soltar a imaginação e que, ao utilizarem a voz narradora, por exemplo, é desnecessário descrever o que vemos nos quadrinhos. Estimule-os a perceber que é interessante inventar e trazer novas camadas e significados às imagens dos quadrinhos, criando, assim, releituras da HQ e experimentando um processo similar ao vivido pelos autores Carlos Ferreira e Rodrigo Rosa.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS: ARTE

COMPETÊNCIA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADES

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

Os sertões: a luta é um livro especialmente interessante para ser trabalhado nas aulas de Arte, por tratar-se de uma história em quadrinhos. Isso quer dizer que estamos diante de uma narrativa visual que explora, além dos textos, a força das imagens para contar a história que está sendo narrada.

Além disso, as HQs costumam dialogar com diversas linguagens artísticas, como o cinema e a fotografia (*mencionamos essa relação anteriormente nas atividades de Língua Portuguesa*). Desse modo, *Os sertões: a luta* pode gerar relevantes reflexões nas aulas de Arte, além da interdisciplinaridade com as aulas de Língua Portuguesa, nas quais o livro também será trabalhado.

Sugerimos algumas atividades que podem ser propostas aos estudantes nas aulas de Arte. Elas estão divididas em pré-leitura, leitura e pós-leitura, em referência a momentos de contato mais ou menos direto com o livro. É possível que os estudantes já tenham lido, ou estejam trabalhando essa obra nas aulas de Língua Portuguesa, por exemplo. No entanto, isso não afeta as atividades propostas, e é recomendável que haja um diálogo entre os componentes curriculares.

PRÉ-LEITURA

UM OLHAR PARA AS CORES

Nas obras visuais, como quadros e fotos, a composição de cores é um elemento fundamental, por atuarem nas percepções e sensações de quem as visualiza — e tal consideração é válida para HQs e narrativas gráficas, como o livro *Os sertões: a luta*. Com base nisso, como atividade de pré-leitura nas aulas de Arte o professor pode estimular reflexões sobre o uso de cores nas artes visuais e alguns dos efeitos gerados por elas.

Seria interessante iniciar apresentando aos estudantes (se possível, projetando na sala) obras de artistas que se destaquem pelo uso inusitado e expressivo das cores, como o pintor francês Henri Matisse (1869-1954). Algumas pinturas sugeridas são *Harmonia em vermelho* (1908) e *Conversa* (1908-12), disponíveis em: <https://www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/01.+paintings/28389> e <https://www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/01.+paintings/28401> (acessos em: 19 set. 2020). Converse com os estudantes sobre as cores que Matisse escolheu para seus quadros, bem como sobre as sensações e os sentimentos que elas causam. Em *Harmonia em vermelho*, o que lhes chama a atenção? E que sensação todo esse vermelho causa?

Reflita com eles que a mistura do vermelho da mesa que a mulher está arrumando com o vermelho da parede altera a perspectiva do quadro, já que esses elementos quase se confundem, dando à tela um efeito chapado, isto é, os planos e perspectivas ficam misturados, sem profundidade. Assim, pode-se afirmar que Matisse, nessa obra, não está preocupado em tentar parecer realista ou fiel à cena que retrata, parece importar-se mais com as sensações que ela causa.

Nesse sentido, o vermelho nesse quadro de Matisse parece intensificar o sentimento, talvez de solidão, daquela mulher que, sozinha, reclina-se para arrumar a mesa e que parece alheia à paisagem externa, verde e mais alegre. Para quem será que ela está arrumando essa mesa? E como será que se sente? Feliz, triste, com medo?

O QUADRO AZUL: CONVERSA

O quadro *Conversa* também pode instigar uma boa troca de ideias entre os estudantes. Começando pela cor, qual sensação o azul na tela causa neles? O azul é

uma cor que remete a céu, a água, e muitas vezes é associado a sensações de calma e tranquilidade. No entanto, é essa sensação que percebem ao olhar para o quadro? A postura do homem, que está de pé e com as mãos no bolso, parece ser de tranquilidade? O que acham? E sobre o que os personagens estariam conversando, o que imaginam? É interessante reparar que em *Conversa*, como na tela *Harmonia em vermelho*, há mais perspectiva e profundidade na paisagem que aparece no ambiente externo, e que os personagens parecem ignorar. Essa sensação é acentuada pelo fato de que, mais uma vez, o azul da parede causa um efeito chapado, sem profundidade, que torna, de certo modo, mais sufocante ou claustrofóbico o ambiente interno, no qual o homem e a mulher se encontram. Será que há mais perspectiva e alegria lá fora?

POR QUE DISCUTIR AS CORES DOS QUADROS

Realizar essa conversa, estimulando reflexões e perguntas, é importante para estimular os estudantes a se aprofundarem na leitura das imagens a que são expostos no cotidiano. Além disso, é importante que percebam que o jogo de cores é um elemento fundamental na composição de uma cena, ainda mais em quadros como o de Matisse, concebidos também como uma narrativa visual: eles estão contando e sugerindo histórias que, como leitores e observadores, somos convidados a preencher e imaginar. Há, portanto, uma proximidade com as HQs, que também são narrativas visuais nas quais a composição de cores é essencial, como veremos mais detidamente nas atividades de leitura.

LEITURA

AS CORES NA HQ: BRANCO E PRETO

A sugestão é começar este momento trabalhando alguns trechos da HQ *Os sertões: a luta*. Em primeiro lugar, os estudantes devem ter notado que a maior parte dos quadrinhos é em preto e branco. Que sensação isso lhes causa? Será que há alguma relação entre essa opção pelo ilustrador Rodrigo Rosa e a história que está sendo contada?

Ajude-os a perceber que, no caso da HQ *Os sertões: a luta*, o uso de quadrinhos em branco e preto parece trazer mais peso e deixar a narrativa mais sombria. E tal procedimento parece estar de acordo com a história que é narrada, afinal esta-

mos diante de um massacre real, ocorrido de novembro de 1896 a outubro de 1897, em Canudos, no sertão da Bahia. Para aprofundar essa ideia, reveja com os estudantes o trecho das páginas 28 a 30 de *Os sertões: a luta*, e pergunte se algo chama a atenção na composição das cores dos quadrinhos. Espera-se que os estudantes reparem que, nessa sequência de páginas, as ilustrações são especialmente escuras, com bastante uso de tinta preta. Chame a atenção deles para essa decisão estética, de aumentar a cor preta nesse momento da narrativa: por que Rodrigo Rosa teria feito essa escolha? Instigue-os a notar que se trata de uma passagem especialmente obscura da história, quando o então presidente do Brasil, Prudente de Moraes (1841-1902), nomeia o marechal Carlos Bittencourt (1840-97) como ministro da Guerra. É um episódio que de fato ocorreu na história brasileira e que produziu consequências desastrosas: Bittencourt foi um dos responsáveis pelo extermínio da população de Canudos, pessoas que, mesmo depois de rendidas e capturadas, eram mortas (degoladas, principalmente). Assim, há uma consonância entre a composição de cores (narrativa visual) e o enredo. Converse com os estudantes que essa adequação é importante, já que garante a coesão e a coerência entre os dois planos narrativos que temos na HQ: o texto e a imagem.

A HQ FICA COLORIDA

Situação similar acontece na sequência da página 82 até o fim do livro. Os estudantes devem ter notado que, nesse trecho, os quadrinhos se tornam coloridos. Mais uma vez, pergunte que sensação ou sentimento lhes causam esses quadrinhos finais e as cores usadas. É comum que as cores, principalmente as consideradas quentes, como o laranja nas páginas finais da HQ, tragam sensações relacionadas a vivacidade e energia. No entanto, em *Os sertões: a luta*, o uso de cores parece ressaltar a sensação de destruição do arraial de Canudos e sua população, causada pelo fogo. No contexto da HQ, esse procedimento é interessante, primeiro pelo efeito inusitado, uma vez que os quadrinhos até então eram em branco e preto, e segundo por realçar, no leitor, a sensação de violência e barbárie do episódio narrado. É quando toda a monstrosidade fica completamente clara, seja no texto, seja nas imagens, e é importante que os estudantes percebam que todos esses detalhes e procedimentos são fruto de um trabalho consciente, detalhista e cuidadoso dos autores da HQ.

PÓS-LEITURA

PROPOSTA DE OFICINA: COLORINDO A HQ

Finalizada a leitura do livro, é hora de propor uma atividade prática aos estudantes: uma oficina de cores e sensações.

Peça-lhes que, organizados em grupos, voltem ao livro e procurem um quadro no qual haja bastante espaço para colorir. Nessa busca feita pelos próprios estudantes, eles retornam ao livro com outra intenção de leitura. Talvez alguns estudantes percebam que a página 18, na qual o jovem Antônio Conselheiro vê o enigmático clarão vindo de uma caverna, ou ainda a página 22, na qual um misterioso cavaleiro surge e dá um cajado a Conselheiro, são bons trechos para essa proposta.

Para realizar a atividade, será preciso providenciar uma fotocópia da página na qual está o quadro escolhido pelos grupos. Para colorir a cena selecionada, seria interessante, se possível, disponibilizar tintas como guache ou acrílica. Oriente-os a fazer escolhas conscientes, pensando em quais cores utilizarão, e quais partes da cena vão colorir. É importante que os grupos reflitam sobre suas intenções, isto é, sobre as sensações que desejam passar com essa intervenção. Eles usarão uma cor viva como o vermelho? Tentarão passar uma sensação mais tranquila, com o azul? Que tipo de emoção a cena retratada demanda?

Feitos os trabalhos, os grupos deverão apresentá-los ao restante da sala e falar sobre as escolhas que fizeram, o que de novo trará outra aproximação com a obra. Depois das apresentações, organize com os estudantes uma exposição dos trabalhos na escola.

Esta proposta visa estimular um conhecimento ativo nos estudantes: em atividades práticas, eles experimentam os conhecimentos que foram construindo e aprimorando ao longo das reflexões e referências trabalhadas com o professor de Arte. Além disso, esta é uma oportunidade para os estudantes praticarem diferentes habilidades, inclusive artísticas, fundamentais para uma formação ampla e sensível. Sobre a importância de estimular nos estudantes a leitura de imagens artísticas, como os quadros de Matisse ou os quadrinhos da HQ *Os sertões: a luta*, Analice Pillar afirma que:

Ler uma obra seria, então, perceber, compreender, interpretar a trama de cores, texturas, volumes, formas, linhas que constituem uma imagem. Perceber objetivamente os elementos presentes na imagem, sua temática, sua estrutura. (1999, p. 15)

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS: HISTÓRIA E GEOGRAFIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

HABILIDADE (EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

HABILIDADE (EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADE (EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

Outra área que pode conversar com a HQ *Os sertões: a luta* é a de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, em componentes curriculares como História e Geografia. Afinal, este livro se passa no sertão da Bahia, e foi inspirado na obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que foi uma testemunha da Guerra de Canudos (1896-97). Assim, aspectos como a geografia do local, bem como os acontecimentos históricos e sociais que envolvem esse lamentável episódio da história nacional, ganham relevo na HQ e podem gerar reflexões relevantes, além da interdisciplinaridade com as aulas de Arte e Língua Portuguesa, nas quais o livro também pode ser trabalhado.

Feitas essas considerações, seguem algumas sugestões de atividades que

podem ser propostas aos estudantes. Elas estão divididas em pré-leitura, leitura e pós-leitura, em referência a momentos de contato mais ou menos direto com o livro. Note que é possível que os estudantes já tenham lido, ou estejam trabalhando essa obra nas aulas de Língua Portuguesa, por exemplo. No entanto, isso não afeta as atividades propostas, e é recomendável que haja um diálogo entre os componentes curriculares.

PRÉ-LEITURA

UM REGISTRO DE CANUDOS: FOTOS HISTÓRICAS

As aulas de História e Geografia podem estabelecer um diálogo com a leitura da HQ *Os sertões: a luta*, e estabelecer atividades interdisciplinares no estudo de temas como Guerra de Canudos, genocídio, direitos humanos, ocupação espacial, traumas histórico-sociais, crimes de guerra, violências empreendidas pelo Estado contra minorias etc.

Para iniciar, sugerimos a apresentação (se possível, com a projeção) de algumas imagens do fotógrafo Flávio de Barros, que documentou a fase final da Guerra de Canudos com uma série de 72 fotografias tiradas entre setembro e outubro de 1897. Ele registrou os momentos que antecederam a destruição completa (empreendida pelas Forças Armadas brasileiras) do arraial de Canudos e da população que lá vivia.

As fotos estão disponíveis na Enciclopédia do Itaú Cultural, com algumas informações sobre Barros, de quem não existem muitos dados biográficos: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21623/flavio-de-barros> (acesso em: 20 set. 2020).

Durante a exposição das fotos, abra uma roda de conversa com os estudantes e pergunte o que pensam delas, a que elas remetem, se o cenário é como imaginavam. É interessante comentar que Flávio de Barros estava fazendo tais registros em Canudos a serviço do Exército, de modo que algumas fotos parecem posadas (como a que está identificada com o título “Um jagunço preso”, mostrando uma suposta ação de prisão de jagunços). No entanto, mesmo posadas, essas fotos dão uma boa ideia da situação em Canudos. Além disso, pelas imagens, também temos pistas geográficas do cenário seco e árido do sertão nordestino, com árvores sem folhas indicando um local que parece ser de difícil instalação e sobrevivência — fato que mostra os desafios naturalmente enfrentados pela população de

Canudos, antes mesmo de ser massacrada pelo Estado. A foto identificada como “Quatrocentos jagunços presos”, no entanto, é uma das mais emblemáticas da série realizada por Barros (disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra28618/quatrocentos-correligionarios-de-antonio-conselheiro-presos>, acesso em: 22 out. 2020). Pergunte à turma se há alguma incongruência entre o título da foto e a imagem que vemos. Espera-se que os estudantes percebam que na foto temos principalmente mulheres e crianças. *Jagunço* é um termo que o Exército brasileiro usava para designar os seguidores de Antônio Conselheiro e remete principalmente aos homens que combatiam pela resistência de Canudos. Nessa foto, entretanto, vemos muitas mulheres e crianças, que foram as últimas sobreviventes de Canudos e estavam sob o jugo das Forças Armadas. Ainda assim, mesmo as tendo subjugado e tornado prisioneiras, o Exército nacional optou por matar essas pessoas. Isso dá a esse registro uma importância histórica ímpar, já que, mesmo sem aparentemente ter sido essa a intenção do fotógrafo, tal imagem tornou-se uma contundente denúncia da violência estatal brasileira.

Portanto, nesse diálogo, é interessante refletir com os estudantes sobre a importância dos registros, que funcionam como uma memória. Na sequência, nas atividades de leitura, falaremos um pouco sobre a multiplicidade de formas de registrar um evento ou acontecimento.

LEITURA

UM REGISTRO SOBRE CANUDOS: HQ

As fotos de Flávio de Barros, apresentadas na pré-leitura, tinham a intenção de documentar os acontecimentos ocorridos, como apresentamos. São, portanto, um registro não ficcional — assim como o livro *Os sertões*, de 1902, de Euclides da Cunha. Trata-se uma obra de não ficção que, como as fotos, busca registrar o ocorrido em Canudos e descrever, por exemplo, aspectos como o relevo e a vegetação do local.

A HQ *Os sertões: a luta*, por sua vez, é uma releitura que se baseia no livro de Euclides da Cunha, e não no ocorrido em si, isso é, Carlos Ferreira e Rodrigo Rosa não estiveram em Canudos durante a guerra e tampouco mencionam a intenção de criar uma HQ que fosse fiel aos acontecimentos e registros históricos. Assim, é interessante refletir com os estudantes que a HQ *Os sertões: a luta* é um registro mais

“artístico” do ocorrido em Canudos, menos preocupado em ser um documento fiel aos fatos e, ao mesmo tempo, mais dedicado a movimentar no leitor as sensações e os sentimentos relativos ao massacre que foi a Guerra de Canudos.

LEITURA COMPARTILHADA DA BATALHA FINAL

Para os estudantes materializarem essa ideia, sugerimos a leitura compartilhada das páginas finais de *Os sertões: a luta* (desde a p. 78). É importante que o professor faça pontes entre a narração dos quadros e os conhecimentos históricos sobre a Guerra de Canudos. Além disso, pode estimular que falem sobre o que veem de diferente e semelhante entre as fotos de Flávio de Barros e os quadrinhos. Que tipo de impactos cada um desses registros lhes causa?

Esse diálogo é importante para que os estudantes tenham a dimensão de que são muitos os registros possíveis dos acontecimentos, e que os modos de realizá-los estão ligadas a diferentes intenções: a forma como um repórter usa sua narrativa para transmitir um fato ou uma informação pode ser muito diferente da forma adotada por um ilustrador, cuja intenção é transmitir as emoções e sensações relacionadas a esse fato.

PÓS-LEITURA

UMA CONVERSA SOBRE O REGISTRO DA GUERRA DE CANUDOS: AS FOTOS E A HQ

Como atividade de pós-leitura, proponha uma roda de conversa e aprofunde com os estudantes o diálogo sobre diferentes registros da realidade. Para isso, leia para eles o trecho do último texto de Antônio Conselheiro, escrito em seu leito de morte, e que está reproduzido na última página da história:

É chegado o momento para me despedir de vós; que pena, que sentimento tão vivo ocasiona esta despedida em minha alma, à vista do modo benévolo, generoso e caridoso com que me tendes tratado, penhorando-me assim bastantemente. São estes os testemunhos que me fazem compreender quanto domina em vossos corações tão belo sentimento! Adeus, povo, adeus, aves, adeus, campos, aceitai a minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino.

Promova com os estudantes uma reflexão sobre esse texto. É surpreendente como alguém prestes a morrer nos horrores que cercam a Guerra de Canudos possa escrever desse modo, aparentemente sereno, grato e em comunhão com a natureza. Quem será que foi esse instigante personagem chamado Antônio Conselheiro? Ressalte aos estudantes que esse texto de Conselheiro é um registro cuja intenção parece ser mostrar sensações e sentimentos, e não narrar os fatos como aconteceram.

Além disso, é importante conversar com os estudantes sobre a noção de que, infelizmente, a violência estatal contra minorias é uma questão estrutural no Brasil, que segue se repetindo de modo sistemático. Uma de suas expressões é a violência policial, especialmente contra “minorias” como negros e periféricos. São incontáveis os exemplos de violência estatal que, por serem empreendidos pelas instituições oficiais e voltados contra os excluídos ou marginalizados, remetem a Canudos. Um exemplo é o caso sofrido pela pedagoga negra Eliane Silva, que, na frente de sua casa, foi agredida com um soco no rosto por um policial militar durante uma abordagem. O fato ocorreu em setembro de 2020, em Macapá, no Amapá, e foi amplamente divulgado em noticiários, como em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/pedagoga-e-agredida-com-soco-em-abordagem-da-pm-em-macapa.shtml> (acesso em: 20 set. 2020).

PROPOSTA DE PRODUÇÃO ESCRITA

Após esse diálogo, proponha aos estudantes um exercício criativo: a elaboração conjunta de um texto. Para isso, oriente-os a se organizarem em grupos e estimule cada grupo a selecionar uma questão histórico-social sobre a qual gostaria de escrever — pode ser, por exemplo, um problema ambiental, violência, racismo. Feita essa escolha, cada grupo pesquisará sobre o tema selecionado.

Como esta atividade de produção escrita é interdisciplinar, seria importante considerar uma pesquisa mais profunda envolvendo os componentes curriculares de História e Geografia. Para isso, é fundamental orientar os jovens na seleção de fontes de pesquisa, de forma que não seja uma busca mecânica por palavras-chave e posterior reprodução dos conteúdos encontrados. Que tipo de site procurar? Se for um vídeo, de quem é o canal que publicou o vídeo? Quem produziu o texto, quais são as representações transmitidas sobre esses fatos passados? A pesquisa é uma etapa importante para que os jovens compreendam que não se trata apenas

de buscar conteúdos a serem apreendidos, mas de construir instrumentos que os ajudem a compreender o mundo e agir nele.

Depois da pesquisa, o grupo elaborará um texto que pode ser mais informativo, como os jornalísticos, ou mais subjetivo, como o de Antônio Conselheiro, lido no final de *Os sertões: a luta*. Para finalizar, peça que cada grupo compartilhe com o restante da turma o texto elaborado, abrindo diálogos sobre a questão pesquisada.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

QUALIDADES DA HQ

Um aspecto que distingue e atesta a qualidade de *Os sertões: a luta* é o próprio texto no qual se baseia essa HQ. Afinal, trata-se de uma narrativa de conhecimento e reconhecimento não só do Brasil, mas também das pessoas que o compõem. É ainda uma história de virada, tanto na percepção do autor, Euclides da Cunha, como na opinião pública da época, que era contrária à população de Canudos, mas que aos poucos se dá conta do massacre.

Tais elementos não se perdem na HQ, que traz um trabalho gráfico envolvente, de um modo tal que esse complexo jogo narrativo faz da HQ *Os sertões: a luta* uma experiência leitora singular. Assim, essa releitura gerou mudanças drásticas na obra de Euclides da Cunha, em seu ritmo, estrutura e, inclusive, no gênero ao qual ela pertence: *Os sertões*, de 1902, é uma obra literária de não ficção. E nessa HQ *Os sertões: a luta*, por sua vez, estamos diante de outro gênero: história em quadrinhos. Além disso, a HQ ganha contornos ficcionais, como durante uma espécie de sonho mítico ou alucinação de Euclides da Cunha (p. 74-7) — passagem que não consta no livro *Os sertões*.

O RITMO DA NARRATIVA NA HQ

Feita essa contextualização, um aspecto interessante a ser aprofundado nessa HQ é o ritmo. Pergunte aos estudantes se já notaram que os textos têm ritmo. O ritmo costuma ser marcado nos textos pelo uso de vírgulas e pontos, por exemplo. E eles já devem ter percebido que um texto com diversas frases curtas tem um ritmo bem diferente de outro composto de frases mais longas. Para o poeta e linguista Henri Meschonnic, “o ritmo é ao mesmo tempo um elemento da voz e um elemento da escritura. O ritmo é o movimento da voz na escritura. Com ele, não se ouve o som, mas o sujeito” (2006, p. 43).

E como seria esse ritmo nos quadrinhos? É válida a ideia de ritmo nesse outro gênero? Há um ritmo em uma narrativa visual?

A resposta é sim, as narrativas em quadrinhos também tem um ritmo. Segundo Scott McCloud: “Os quadros das histórias fragmentam o tempo e o espaço,

oferecendo um ritmo recortado de momentos dissociados. Mas a conclusão nos permite conectar esses momentos e concluir mentalmente uma realidade contínua unificada” (1995, p. 67).

E esse efeito acontece na HQ *Os sertões: a luta*. Nela, os quadros não mostram tudo o que ocorre na narrativa; há sempre um intervalo, uma lacuna entre um quadro e outro, e o leitor é convidado, implicitamente, a preencher essa lacuna, formando o entendimento da sequência de cenas. É o que pode ser observado nesta sequência (p. 58):



Nessa sequência ou transição de cenas, não vemos tudo o que acontece. Não vemos, por exemplo, a bala e sua trajetória. Nem o corpo no chão. Mas podemos inferir esses momentos, preenchendo as lacunas entre as cenas. Se no primeiro quadro o militar atira, e no segundo o sertanejo recebe o tiro, compreendemos, mesmo sem ver essa cena, que há uma bala e que ela fez essa trajetória. E o ritmo da narrativa em quadrinhos está associado a esse preenchimento da sequência de cenas, de modo que, quanto maior o preenchimento e mais demandado é o leitor, mais acelerada é a sequência. Um exemplo de sequência mais acelerada (p. 14):



Quando o ritmo é mais acelerado, o leitor é convidado a um grande preenchimento de sentido, sendo convocado a imaginar, nessa sequência, que o personagem de Antônio Conselheiro foi traído pela companheira, saiu de casa e terminou o relacionamento. Assim, a primeira cena mostrada, na qual o sertanejo leva um tiro, é menos acelerada, por demandar um menor preenchimento pelo leitor.

Esse aprofundamento é importante para mostrar aos estudantes que, no caso de *Os sertões: a luta*, há uma mudança de ritmo decorrente da adaptação de um texto em prosa para quadrinhos, e também um ritmo próprio, que é da narrativa em quadrinhos, estabelecido pelo modo como as cenas são elaboradas e sequenciadas. Há, portanto, na leitura da HQ uma complexidade que um leitor desavisado muitas vezes não percebe.

Para saber um pouco mais sobre o ritmo e as transições nas histórias em quadrinhos, leia o artigo “Transições nas histórias em quadrinhos: sobre ritmo e engajamento”, em: http://www2.eca.usp.br/jornadas/anais/3asjornadas/artigo_080620152051162.pdf (acesso em: 30 set. 2020).

DISCUTINDO AUTORIA

Os sertões: a luta é uma obra que também pode estimular um importante diálogo sobre autoria. Carlos Ferreira e Rodrigo Rosa, além de terem transformado uma narrativa em prosa para uma narrativa visual, criaram na HQ cenas que Euclides da Cunha provavelmente não imaginou, como as iniciais, quando temos Antônio Conselheiro vivendo uma experiência mística na qual, em uma espécie de caverna, ele encontra desenhos proféticos, talvez daquilo que viria a ser Canudos (p. 20-1). Há ainda o aparecimento de um cavaleiro misterioso, que entrega um cajado a Conselheiro (p. 22). Não há dúvida de que, diante de toda essa inventividade, Ferreira e Rosa também são autores nessa HQ.

Essa reflexão é importante porque ser autor é ter autoridade sobre algo que é dito ou realizado, e os estudantes do Ensino Médio em geral estão justamente nesse momento: construindo maior autonomia para serem autores de suas ideias, pensamentos e palavras. Além disso, pensar sobre autoria na releitura de uma obra literária, como acontece nessa HQ, é estimular os estudantes a perceberem que a produção de um livro e a criação de manifestações artísticas é um processo que costuma ser feito coletivamente. Ajude-os a perceber que uma obra criativa não é sempre sinônimo de algo inventado por uma única pessoa, algo que surge do nada. A HQ *Os sertões: a luta* mostra que é possível conceber um livro original e coletivo, justamente pelo diálogo criativo estabelecido entre os autores e a obra de Euclides da Cunha.

Para materializar essa ideia, mostre aos estudantes que essas noções sobre releitura e autoria são válidas em diferentes manifestações artísticas. Pegando a música como exemplo, pergunte se eles costumam ouvir rap. O rap (*rhythm and poetry*), palavra de origem inglesa que, em tradução livre, quer dizer “ritmo e poesia”, é um estilo musical cada vez mais popular no Brasil, e um de seus processos criativos envolve um procedimento chamado *samplear*. Pergunte aos estudantes se eles sabem o que isso significa.

Esclareça que a palavra *sample*, em inglês, quer dizer “amostra” e que tal procedimento ocorre quando um artista utiliza amostras (trechos ou batidas) de uma música preexistente para criar uma música nova. Sobre esse assunto, há um vídeo interessante, que o professor pode indicar ou exibir na aula: *Você sabe o que é sample? Um contratempo*, do canal Falatuzetrê, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=yggULwBntdU&ab_channel=FALATUZETR%C3%8A (acesso em: 21 set. 2020).

Nesse vídeo, além da explicação sobre *sample*, há interessantes exemplos do procedimento, como na música “Vida Loka Parte 2”, dos Racionais MC’s, no disco *Nada como um dia após o outro dia* (2002), que repete um trecho (usa *sample*) da música de “Ray Davies Orchestra, Theme from Kiss of Blood”, do disco *Firedog!* (1976). Nessa conversa, instigue os estudantes: pergunte se, afinal, a música “Vida Loka Parte 2” é dos Racionais MC’s ou da Ray Davies Orchestra?

Esse exemplo da música deve atrair os estudantes para o debate e se conecta ao processo de criação da HQ *Os sertões: a luta*. Assim, é importante usar essa ponte para estimular os estudantes a ampliar e questionar suas percepções sobre autoria e criação artística.

O GÊNERO HQ

Por fim, é fundamental deixar claro que, dada a complexidade das narrativas visuais e as diversas habilidades que elas estimulam no leitor, os quadrinhos não podem de modo nenhum serem considerados um subgênero ou um gênero menor, ou menos importante que gêneros literários tradicionais, como conto ou romance.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Seguem-se algumas referências estéticas, culturais e éticas que dialogam com a obra *Os sertões: a luta* e a ampliam.

Livro: *Os sertões: campanha de Canudos*, de Euclides da Cunha. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

Não há como falar da HQ *Os sertões: a luta* sem mencionar o clássico, de Euclides da Cunha. Trata-se da obra de não ficção na qual a HQ foi livremente inspirada.

Peça teatral: *Os sertões* (teatro Oficina). Direção: José Celso Martinez Corrêa.

A peça *Os sertões* começou a ser encenada pelo teatro Oficina em 2002 e marca uma releitura atual e voraz da obra de Euclides da Cunha, apontando questões como a dos trabalhadores sem terra e a incongruência, inclusive de valores morais, na formação do povo brasileiro. O Teatro Oficina disponibilizou na internet os registros da encenação, divididos em diversas partes. A peça, por conter cenas de nudez e violência, é recomendada para espectadores maiores de 18 anos, e o link para a primeira parte está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OtakhcTg0rw&feature=emb_logo&has_verified=1&ab_channel=TeatroOficinaUzynaUzonaTVUZYNA. Acesso em: 21 set. 2020.

Livro de fotografias: *Sertões: luz e trevas*, de Maureen Bisilliat. São Paulo: IMS, 2019.

O livro é composto principalmente de fotos, além de trechos de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Trata-se de uma releitura importante, que revela um pouco das pessoas que seguem no sertão nordestino depois de quase setenta anos da tragédia de Canudos. A guerra ocorreu em 1896-97, e as fotos foram realizadas por Bisilliat em 1967-72.

Entrevista: Carlos Ferreira, roteirista de *Os sertões: a luta*, para GZH Livros.

Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/>

noticia/2019/11/ser-um-artista-negro-no-rs-e-um-desafio-diz-o-quadrinista-carlos-ferreira-ck34crued010p01mqlyfmkfzl.html. Acesso em: 20 nov. 2020. “Ser um artista negro no RS é um desafio”, diz o quadrinista Carlos Ferreira em entrevista publicada em 2019. Ele conversa sobre seus projetos e temas como a falta de visibilidade dos artistas negros, o racismo estrutural e a África como matriz universal. E também comenta sobre a HQ *Os sertões: a luta*, que roteirizou.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/ Undime, 2017.

Trata-se do documento norteador dos currículos dos sistemas e redes de ensino, como também das propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A BNCC estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica.

CAGNIN, Antônio Luiz. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

Apoiado nas noções de percepção, o autor aborda os fundamentos do gênero quadrinhos e seus elementos constitutivos (imagem, texto e imagem-texto). Além disso, analisa diferentes HQs e traz um tópico fundamental de teoria da literatura: a estrutura da narrativa. Trata-se de um livro importante para professores de linguagens e literatura, que tenham interesse em conhecer métodos de análise para os quadrinhos e romances gráficos.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1973.

Obra relevante do escritor e crítico literário Antonio Candido (1918-2017), na qual ele estuda as relações entre a arte e o meio social. Aqui, o autor discorre sobre como elementos sociais, psicológicos e linguísticos se integram de modo dialético e estruturam as obras artísticas. Em seu estudo, Candido fala também sobre *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

MCCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 1995.

Em uma obra construída em quadrinhos, o cartunista e teórico Scott McCloud apresenta uma série de conceitos sobre quadrinhos, facilitando a compreensão das especificidades e características do gênero HQ.

MESCHONNIC, Henri. *Linguagem, ritmo e vida*. Belo Horizonte: FAE/UFGM, 2006.

Importante obra do poeta e teórico Meschonnic, na qual são trabalhados conceitos como ritmo e estilo textual, propondo assim um mergulho sobre modos de construção textual e seus elementos estéticos.

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. *A arte dos “quadrinhos” e o literário: a contribuição do diálogo entre o verbal e o visual para a reprodução e inovação dos modelos clássicos de cultura*. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), 2008.

A pesquisadora aborda especificamente o diálogo entre quadrinhos e literatura. Partindo de um estudo sobre narratividade, traz importantes considerações sobre quadrinhos, intertextualidade, dialogismo, história da arte e da literatura, além de mostrar diversos exemplos de transposição de textos literários clássicos para os quadrinhos. Assim, é um estudo que dialoga diretamente com o processo realizado na HQ *Os sertões: a luta*, e que ajuda a pensar na relação de cruzamento entre as manifestações artísticas.

PILLAR, Analice Dutra. *A educação do olhar do ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

A obra aborda leituras de imagens, fornecendo elementos teóricos e discussão de significados. Trata ainda de leituras e releituras nas diferentes artes; educação estética; imagem na literatura infantil.

PINTO, Manuel da Costa. “Especial quadrinhos: a ascensão do romance gráfico”. *Revista Cult*, 6 jun. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ascensao-do-romance-grafico>. Acesso em: 6 set. 2020.

O autor fala sobre a importância de pensarmos o romance gráfico como gênero, com o mesmo status do romance tradicional. Trata-se do movimento de superar a ideia de que as histórias em quadrinhos seriam de algum modo uma produção inferior à literatura e seus gêneros tradicionais.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. *Leitura de imagens para a educação*. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1998.

Essa tese convoca, de modo importante, ao estabelecimento de uma leitura criativa, que coloca o leitor em um papel não só passivo, mas também ativo, ampliando assim sua capacidade de fruição e participação na construção de sentidos da obra que lê.

RAMOS, Paulo. “Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?”. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, vol. 38, n. 3, set. 2009. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_28.pdf. Acesso em: 6 dez. 2020.

Neste interessante artigo, Ramos se aprofunda na noção de gênero, dando ênfase aos quadrinhos e trazendo conceitos como *hipergênero*.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfrid. *Imagem e cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

O livro traz fundamentações teóricas, instrumentais e analíticas, para pensarmos imagens. Calcado nas ideias de Charles S. Peirce, lança luzes sobre acepções, categorias e estados dos signos visuais, bem como sobre as representações internas (mentais), mediação tecnológica, intervenção das mídias na cultura atual e relações entre imagem e linguagem verbal.

ZENI, Lielson. “Literatura em quadrinhos”. In: VERGUEIRO, Waldomiro, RAMOS, Paulo. (orgs.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 127-58.

Nos últimos anos, as histórias em quadrinhos têm sido mais incluídas no sistema educacional brasileiro, especialmente com as adaptações de clássicos da literatura para quadrinhos, e esse é o tema do artigo de Zeni. Além disso, os outros textos do livro procuram dialogar sobre as potencialidades e peculiaridades do gênero HQ, bem como sobre formas de trabalhá-lo em sala de aula.